

Executados, torturados e humilhados

Fumaça, bombas, correria, gritos, tiros, rostos deformados, miolos à mostra — assim foi o massacre dos sem-terra em Rondônia

MÔNICA BÉRGAMO, de Colorado d'Oeste

Encarregada de reconstituir o massacre dos sem-terra na cidade de Corumbiara, em Rondônia, ocorrido na madrugada de 9 de agosto, a subeditora Mônica Bergamo passou dez dias na região. Acompanhada da fotógrafa Ana Araújo, viajou 1 930 quilômetros pelo Estado, à procura de testemunhas da violência que produziu doze mortos, nove desaparecidos e mais de uma centena de feridos. Falou com oitenta parentes, amigos e vizinhos das vítimas. Também conversou com dez policiais e com os comandantes da operação. Leu 120 depoimentos prestados à Polícia Civil. Teve acesso aos laudos cadastrados de nove posseiros mortos e, para cada morte descrita, ouviu pelo menos três pessoas que contavam a mesma história. A seguir, o relato das execuções, torturas e humilhações daquelas doze horas em que 600 famílias de sem-terra enfrentaram 187 policiais militares ao ser expulsas da fazenda Santa Elina:

Às 4 horas da madrugada do dia 9, os 187 policiais militares iniciaram uma caminhada de 1 quilômetro. Saíram de um campo de futebol, onde haviam montado um acampamento, e partiram em direção à fazenda Santa Elina. Dividiram-se em três pelotões e, rastejando pela mata, cercaram as 600 famílias de sem-terra. Os cinquenta policiais da Companhia de

Operações Especiais, tropa de choque do Estado, usavam coletes à prova de bala e capuzes pretos. Os 137 homens do batalhão da PM de Vilhena, cidade a 190 quilômetros da fazenda, levavam revólveres, metralhadoras e escopetas. Ainda estava escuro. "O clima estava tenso. Eu não queria ir", lembra o major José Ventura, que comandou a operação. O barulho na mata alertou três lavradores encarregados de vigiar os acessos à área ocupada. Soltaram rojões, para avisar os outros que havia perigo por perto. Bum, bum, bum. O som ecoava pela mata. Começou uma correria dentro do acampamento.

Os posseiros que integravam o grupo de segurança acordaram e foram até um barraco de lona onde ficavam as armas. Eram

28 espingardas, dois revólveres calibre 22, três garruchas, duas carabinas, cartuchos e bombas artesanais feitas de toco de bambu. Na Santa Elina, oitenta posseiros trabalhavam na segurança. No dia do massacre, apenas vinte se dispuseram a pegar em armas para resistir à PM. Os outros, como

os demais posseiros, cataram paus e pedras. Correram para a beira de um córrego que circunda a área. As crianças, divertindo-se até, imitavam os pais. Os policiais dispararam rojões e gás lacrimogêneo. Havia muita fumaça. As mulheres carregavam panos e frascos de vinagre para molhar o rosto das crianças e protegê-las do gás. Os sem-terra ligaram as motosserras para assustar os PMs. Os motores roncavam. Na noite clara, só se viam os holofotes da PM, com seus fachoos dançando na fumaça dos rojões. "Nem que a coisa engrossa, essa terra é nossa", gritavam os posseiros. "Reforma agrária já!"

De repente, o estalido de tiros. Tiros vindos do barracão de segurança dos posseiros e da mata ocupada pelos policiais. Maria dos Santos Silva, 30 anos, estava preparando arroz na cozinha do acampamento, junto com os filhos Romerito, 8 anos, e Vanessa, 7. "Ô, mãe, que é isso?", perguntou Vanessa. "Fica quieta", respondeu a mãe. Dezenas de mulheres com seus filhos invadiram a cozinha. Agachavam-se e gritavam. Maria pegou os filhos pelas mãos e saiu correndo para o córrego. Estavam quase saindo do acampamento quando a menina Vanessa gritou. "Ai, mãe." "O

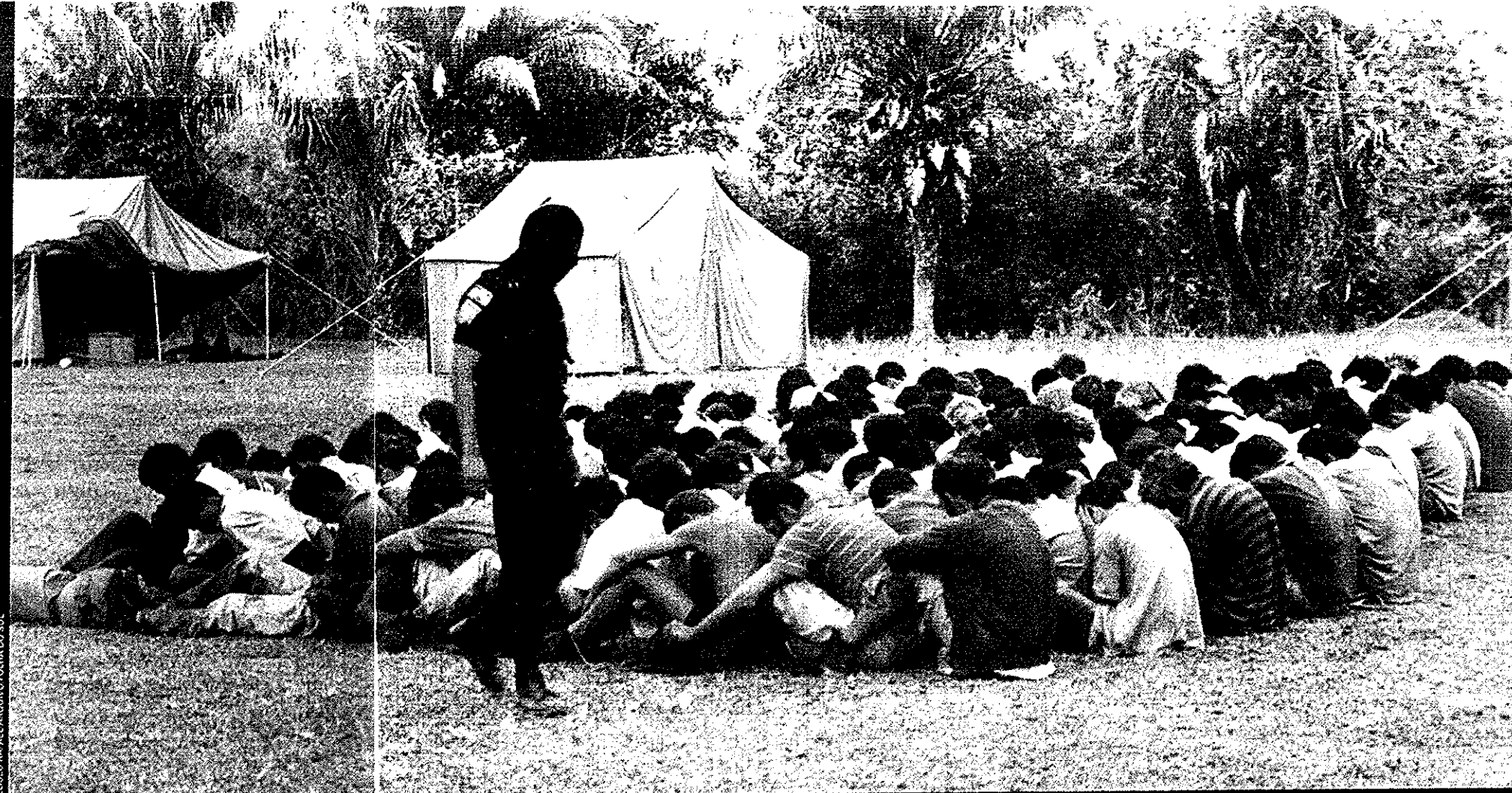
sangue saiu pela barriga dela. Peguei no colo e entrei no córrego. Quando cheguei ao outro lado, ela esticou as pernas e morreu. Eu disse 'vai com Deus, minha filha.'" Maria correu mais 4 quilômetros, com a filha morta nos braços.

"**ELE SÓ GEMIA**" — Já estava amanhecendo. Às 6h30, uma bala atingiu a testa do tenente Rubens Fidélis Miranda, que comandava um dos pelotões. Em seguida, outros dois tiros, no pescoço. Um policial pegou Fidélis nos ombros. Um último tiro o atingiu pelas costas. Fidélis, um policial muito querido pelos colegas, morreu. Pouco depois, o PM Ronaldo de Souza foi atingido no pescoço. Morreu antes de chegar ao hospital. A operação tinha pouco mais de duas horas e já havia mortos dos dois lados. Os policiais resolveram vingar-se. O batalhão de reserva de 35 PMs, a 1 quilômetro da fazenda, foi acionado para reforçar o combate. "Começamos a ver companheiros feridos e perdemos o controle", diz o cabo Valdecir Ribeiro. Estava começando a pior parte.

Em agosto é tempo de seca em Rondônia e o céu está sempre cinzento, por causa da fumaça que sobe das queimadas. Os policiais começaram a atear fogo aos bar-

racos e, com isso, havia ainda mais fumaça no ar. Eles atiravam a esmo, sem enxergar direito. Onze policiais foram baleados, contra dezenas de posseiros. Quando ganharam o controle da situação, já sabiam em quem estavam atirando. Foi o começo das execuções. Nelci Ferreira, 23 anos, pulou da cama junto com a mulher, Ana Paula Alves, de 15, na hora do tiroteio. Estavam casados há seis meses, desde que Ana Paula fugiu de casa para viver com o namorado. Queriam um lote na Santa Elina para começar a vida. Ao sair do barraco, ficaram tontos com o gás lacrimogêneo. Apanharam um lenço com vinagre e correram para o córrego. Um posseiro caiu baleado e Nelci se abaixou para ajudá-lo. Nisso foi atingido por dois tiros na cabeça, disparados pelas costas e de cima para baixo. Caiu. Um lavrador ajudou Ana Paula a carregar o marido para a farmácia do acampamento. "Eu chamei, chamei, mas ele não falava, só gemia." Valdomiro dos Santos, 25 anos, o "Tutu", estava na farmácia, socorrendo os feridos. Viu Ana Paula chegando com Nelci.

Em seguida, os PMs conseguiram entrar no acampamento. Ao chegar à farmácia, atiraram nos frascos de soro e nos analgési-



Os sem-terra rendidos na...

...Fazenda Santa Elina, em Corumbiara, depois de doze horas de torturas e execuções: vingança policial



Sérgio Gomes (à esq.) foi retirado da fazenda pela PM com vida. Duas semanas depois, seu corpo foi achado com sinais de espancamento. "Ele foi moído", diz o pai, Raimundo (acima)

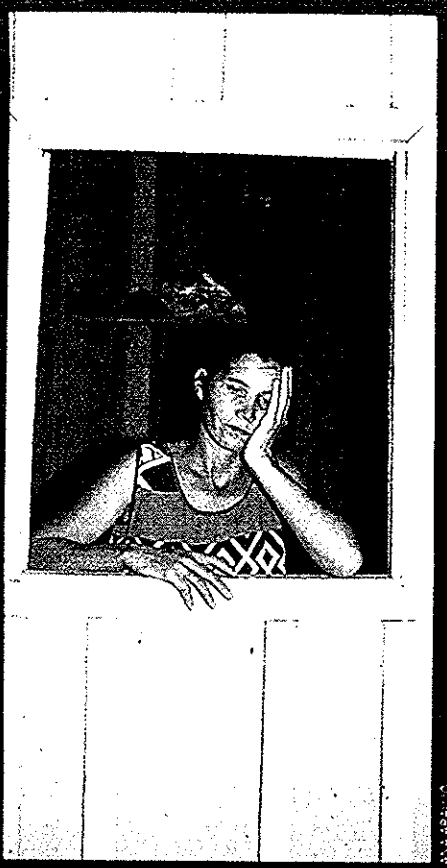


REPRODUÇÃO AVANÇADO



ALBUZI DE FAMILIA

Vanessa dos Santos, de 7 anos (acima e à esq.), correu de mãos dadas com a mãe, Maria (à dir.), para fugir do tiroteio. Foi baleada nas costas. "Ai, mãe", gritou a menina. "O sangue saiu pela barriga e ela morreu", lembra Maria



ALBUZI DE FAMILIA

cos, destruindo toda a medicação que havia ali. Ana Paula foi arrastada pelos policiais. Nunca mais viu o namorado. Nelci, no chão, continuou gemendo. "Ele dizia que ia morrer e chorava muito", lembra Tutu. Os dois deitaram na frente da farmácia, ao lado de outros rendidos. Quem levantava a cabeça levava chute e cacetada. Nelci apertou a mão de Tutu. "Fica quieto", cochichou Tutu. Os PMs escutaram. Puxaram a cabeça de Nelci pelos cabelos e lhe deram três chutes no rosto. Ao lado deles, em pé, encontrava-se Odilon Feliciano. Estava urinando quando um PM se aproximou. "Deita aí", ordenou. O posseiro pediu alguns segundos. O policial deu-lhe um golpe na cabeça. Odilon caiu no chão.

O PM abaixou, encostou o revólver no lado direito da nuca e puxou o gatilho. Um estalido seco. "Sangramos um boi", gritou. "Vi o sangue saindo pelo ouvido e pela boca", conta Tereza dos Santos, 17 anos. Odilon se arrastou e parou ao lado do posseiro Jorge Gomes. Levou chutes e pauladas nas costas e na cabeça. "Cadê o Deus de vocês, cadê o PT, que não vem acudir?", gritavam os PMs. "O sangue dele escorria por um buraco no pescoço", lembra Jorge. Odilon não queria terra. Estava ali para ajudar o pai. Agostinho, a obter um lote. Seu plano era comprar um caminhão e viajar pelo Brasil. Folgado, virou segurança do acampamento só para

trabalhar menos, pois o plantão de uma madrugada era recompensado com dois dias de descanso. Odilon quis deixar o acampamento um dia antes da invasão da PM. Foi convencido a ficar pelo pai.

Nelci e Odilon foram colocados no primeiro caminhão que transportou os feridos. Odilon se debatia e pedia água. "Ele estava feito doido, se revirava todo", lembra Tutu. Os dois morreram a caminho do hospital. O laudo da necrópsia de Nelci diz: "Morte decorrente de traumatismo crânio-encefálico por projétil de arma de fogo disparado a curta distância com sentido póstero-anterior". Em outras palavras: tiros à queima-roupa na cabeça disparados por trás. O laudo da necrópsia de Odilon não leva seu nome. Apenas sua foto. Diz: "Morte por traumatismo raquimedular". O que significa que morreu com um tiro na nuca.

"MATEI DOIS" — Do outro lado do acampamento, um grupo de policiais tentava capturar os posseiros que integravam a segurança. Quinze sem-terra estavam num barraco construído num pequeno morro perto de uma figueira. Dali trocavam tiros com os policiais. Os PMs tentavam avançar em vão. Aí, catorze deles resolveram caminhar à frente, usando as mulheres dos sem-terra como escudos. Pegaram catorze mulheres, agarraram-nas pelo pescoço e foram avançando. Pediram que mandas-

sem seus companheiros parar de atirar. "Companheirada, pára de atirar!", berravam as mulheres, chorando. Os tiros cessaram. Os PMs chegaram à figueira. Um grupo entrou na mata, à procura de furtivos. A lavradora Alzira Monteiro, 44 anos, conta que ouviu oito tiros. Um PM saiu da mata. "Matei dois, vou matar mais vinte", disse. Excitado, deu uma cotovelada na boca de Alzira. "Vocês são ratos, o fazendeiro tem dinheiro para comprar e matar todo mundo", gritou o PM no ouvido dela. A dentadura de Alzira quebrou e a boca começou a sangrar.

O outro grupo de PMs cercou o barraco. "Vamos correr. Não dá para enfrentar esse batalhão com espingardinha velha", disse um posseiro, escapando do cerco policial. José Marcondes, 49 anos, não conseguiu correr. Ercílio Campos, o "Ray Ban", 41 anos, resolveu entregar-se. Os dois foram mortos. Contam as mulheres:

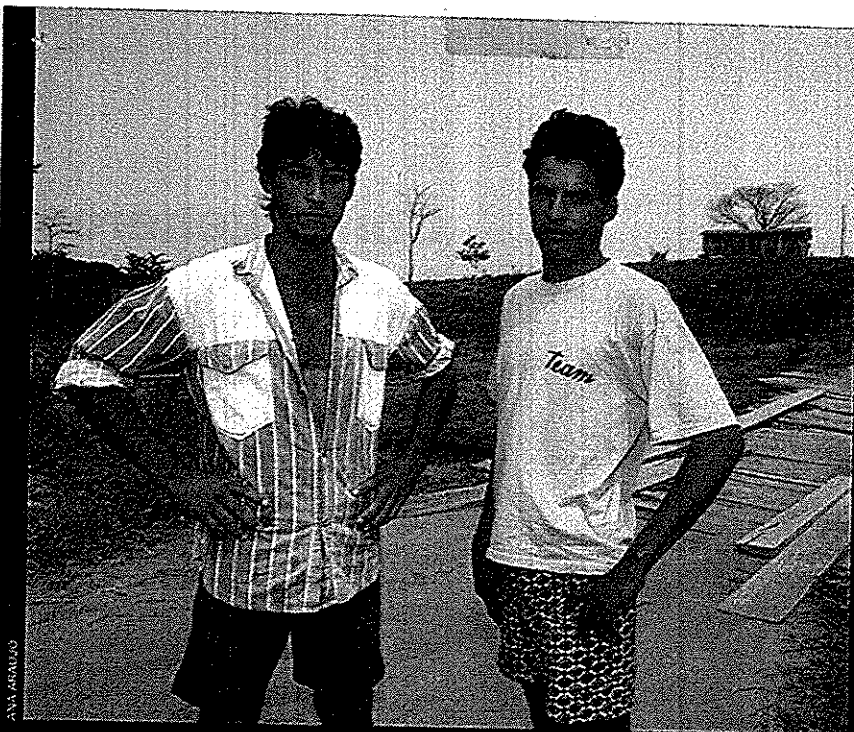
— Eles saíram do mato e deitaram no chão, perto da figueira. Ficamos numa roda em volta deles, os PMs segurando a gente pela garganta. Chegaram bem perto. Começaram a atirar — lembra Vanilza do Nascimento, 32 anos.

— Eles morreram deitados. Os PMs estavam com ódio — diz Tereza dos Santos.

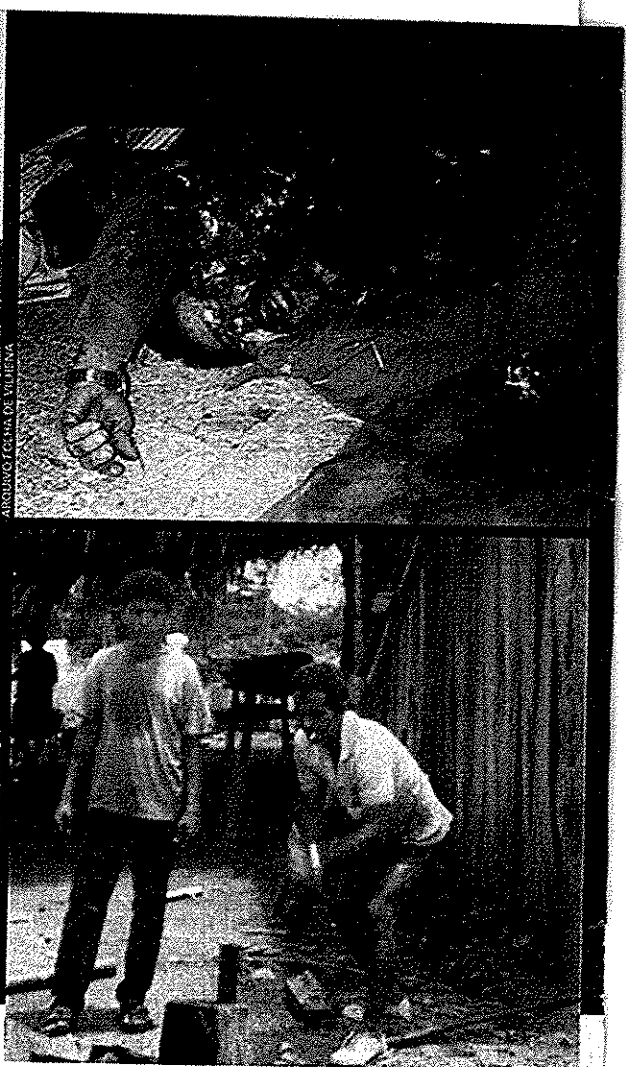
— Deram tiros, tiros, tiros. Fiquei surda. Parecia que não iam parar nunca — descreve Rosemeire Gatti, 18 anos.



Fonte: Veja
 Data: 6/9/95 Pg. 38-41
 Class.: 1.1



José Marcondes (ao alto, à direita e ao lado) foi executado quando já estava rendido e deitado no chão. Dez policiais dispararam contra ele. Em seu corpo foram encontradas seis balas. Os tiros na cabeça lhe arrancaram o osso frontal, os dois olhos e os dentes. Ao carregar o corpo, José Pereira e Odair Dornelles (acima) foram obrigados a colocar seus miolos na boca. "Tá com nojo? Pega esse miolo e coloca na boca, rapaz", gritou um PM. "Assim perdem o medo de defunto"



O laudo da necropsia de Ercílio Campos confirma as rajadas. Ele morreu com dezenove balas no corpo — pulmão, coração e cabeça. José Marcondes não foi identificado na autópsia. Um laudo, em que é possível reconhecê-lo pela fotografia, mostra que morreu com a cabeça destrocada. Diz: "Morte por traumatismo crânio-encefálico com perda de tecido cerebral. Ausência de osso frontal, temporal esquerdo, de ambos os globos oculares e grande parte dos dentes". Às 11 da manhã, nove posseiros já haviam sido mortos e os cadáveres começaram a ser removidos. Os policiais escalaram três rapazes para a tarefa. Paulo Correia da Silva, José Pereira e Odair Dornelles começaram o trabalho. Ao chegar perto do corpo de Marcondes, Paulo Silva se impressionou com a massa encefálica espalhada pelo chão. "Tá com nojo?", perguntou um PM. "Pega esse miolo e coloca na boca, rapaz. Assim, perdem o medo de defunto." O rapaz cumpriu a ordem. "Depois que ele comeu os miolos, os PMs nos obrigaram a colocar na boca também. A gente colocou, mas depois cuspiu", diz Odair Dornelles.

Perto do meio-dia, a polícia havia rendido os posseiros. Mulheres e crianças foram levadas para o campo de futebol, onde os PMs tinham seu acampamento. Às 13h, começou a remoção dos homens.

Amarrados uns aos outros pelos pulsos, eles andavam em silêncio. Os policiais perceberam que José Carlos Moreira, 21 anos, deficiente físico, tinha muita dificuldade para caminhar. Tiraram as muletas e fizeram Moreira se arrastar no chão. Ele se arrastou. A seu lado havia um pedaço de pau com um prego na ponta. Os policiais julgaram que Moreira usava aquilo como arma. Foram à desforra. "Me deram uma paulada e furaram o meu pé", conta Moreira, mostrando as marcas na sola do pé. Os homens eram chutados. Nas costas, nos braços, no rosto.

ENSANGÜENTADO — O dia, cinzento e seco, estava terminando. Eram 5 da tarde, mulheres e crianças já estavam sendo conduzidas para a polícia em Colorado d'Oeste. Mas, na fazenda, os PMs queriam mais vingança. Amarrados e rendidos, 150 posseiros aguardavam a saída de um caminhão que os levaria dali. Um PM identificou Sergio Gomes, 24 anos, no caminhão. "Esse é o que atirou em nós!", afirmou o policial, de capuz preto. Sergio estava todo ensanguentado. "Ele estava baleado e tinha apanhado muito", diz José Carlos Moreira, que teve o pé furado. "Subiram em suas costas e pularam em seus rins." Sergio foi colocado numa Toyota azul. O carro partiu. Quarenta minutos depois, os PMs voltaram sem Sergio. Na semana

passada, seu corpo foi encontrado boiando no Rio Tanaru, a 70 quilômetros da fazenda. Seu pai, Raimundo Gomes, identificou-o. "A cabeça estava quebrada. Ele foi moído a pancadas", acusa.

Dez posseiros foram mortos, 125 feridos, nove estão desaparecidos, 355 foram presos, 120 foram interrogados, 74 foram indiciados por desobediência e resistência. Helio Pereira de Moraes, dono da fazenda Santa Elina, de 7 518 alqueires, e um fazendeiro vizinho, Antenor Duarte, organizaram a expulsão. Duarte foi ao juiz Glodner Pauletto, no Forum de Colorado d'Oeste, e saiu dali com um ofício exigindo da PM a expulsão dos sem-terra. Levou o documento para Porto Velho, a 800 quilômetros, e entregou-o em mãos ao então comandante-geral da PM, Wellington de Barros Silva. O dono da Santa Elina pagou 5 200 reais para a empresa de ônibus Eucatur transportar os PMs de Porto Velho a Vilhena. O recibo foi emitido em nome da Polícia Militar. O delegado Raimundo de Souza Filho, que conduz o inquérito civil, anuncia que vai indiciar "todos os posseiros", que ocupavam a fazenda ilegalmente desde 14 de julho. Já o tenente-coronel João Carlos Balbi vai investigar os PMs. Dos 187 policiais, 23 dias depois do massacre, tomou o depoimento de nove. ■